

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Ruth Castelo Branco Lourenço

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PLANO DE AÇÃO**  
**NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Belo Horizonte**

**2012**

**Ruth Castelo Branco Lourenço**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PLANO DE AÇÃO  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Elisa de Araújo Grossi

**Belo Horizonte**

**2012**



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PLANO DE AÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 14 de julho de 2012.

### BANCA EXAMINADORA

---

Maria Elisa de Araújo Grossi – Orientadora  
Faculdade de Educação - UFMG

---

Kely Cristina Nogueira Souto  
Faculdade de Educação- UFMG

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a paciência e alegria da minha princesa Letícia e ao amor e carinho de meu esposo Jaime e ao meu futuro príncipe Miguel. Ao apoio incondicional de meus pais.

Agradeço à orientadora Maria Elisa sempre preocupada e atenta a todo o meu percurso neste Plano de Ação.

Agradeço a toda a equipe da UMEI Santa Cruz em que exerço a grande paixão de minha vida: educar e contar histórias.

*Para as crianças, todas as histórias brotam simplesmente da vida como as estrelas do céu e as flores do jardim, brilhando por algum tempo na sua imaginação riquíssima, e deixando nela um vestígio de alegria que, unido a outros vestígios, compõe esse mundo interior; maravilhoso e mal conhecido, que à noite se ilumina para a festa de cada sonho.*

**Cecília Meireles**

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a contação de histórias na Educação Infantil: suas peculiaridades como recurso pedagógico importante na formação do leitor. Trata-se, no texto, de aspectos teóricos relacionados à prática de contar histórias e à representação de um contador de histórias nessa realidade. Acredita-se que, por meio deste trabalho, resultado de um Plano de Ação desenvolvido numa Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, estaremos contribuindo com os professores que se interessam por essa temática, tornando a contação de histórias uma arte debatida e conhecida por todos aqueles que buscam realizá-la.

**Palavras-chave:** contação de histórias, contador de histórias, formação de leitor.

## RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la narración de cuentos en Educación Infantil: sus peculiaridades, como un recurso pedagógico importante en la formación del lector. Es en el texto de los aspectos teóricos relacionados con la práctica de la narración y la representación de un narrador en esta realidad. Se cree que a través de este trabajo, el resultado de un plan de acción desarrollado en Kindergarten Unidad Municipal de Belo Horizonte estará contribuyendo a los profesores que estén interesados en este tema, por lo que la narración de un arte conocido y debatido por todo el mundo los que tratan de hacerlo.

**Palabras-clave:** contar historias, contador de historias.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I – CONTEXTO DO PLANO DE AÇÃO</b> .....	10
Histórico da escola .....	11
Caracterização da comunidade .....	13
<b>OBJETIVOS</b> .....	14
<b>CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA EM ESTUDO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO III – REFLETINDO SOBRE O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS</b> .....	17
A – Contar histórias: um novo caminho? .....	17
B – O contador de histórias e sua representação .....	18
C – O contador de histórias sob o ponto de vista histórico .....	19
D – Contar histórias: uma arte para todos? .....	20
<b>CAPÍTULO IV – INSTITUCIONALIZANDO TEMPOS E ESPAÇOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b> .....	23
<b>CAPÍTULO V – METODOLOGIA DO PLANO DE AÇÃO</b> .....	24
<b>CAPÍTULO VI – ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO MOMENTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b> .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32
<b>APÊNDICE 1 – Questionário</b> .....	33

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma proposta de intervenção e ação que visa à construção de uma prática diferenciada, enriquecendo o trabalho realizado na Educação Infantil, segmento no qual atuo. Percorre-se um caminho onde as reflexões poderão produzir discussões interessantes e produtivas no interior da escola na qual a ação foi desenvolvida, além de sinalizar como lidar com a contação de histórias em toda sua complexidade, representação e valor. Não se pretende esgotar o assunto, mas iniciar reflexões que possibilitem o crescimento profissional àqueles que se interessarem pelo tema. Percebe-se, na prática, no cotidiano, a importância de se possibilitar uma reflexão e discussão sobre o ato de contar histórias como uma estratégia para a formação de leitores na Educação Infantil. Como suporte teórico, recorre-se a alguns autores que também veem na contação de histórias um instrumento para um trabalho diferenciado no dia a dia escolar.

Vale lembrar que a proposta deste Plano de Ação foi muito enriquecedora para a prática, pois meu percurso profissional me leva a acreditar no potencial e nas possibilidades que uma contação de histórias pode oferecer para aqueles que optam por utilizá-la. Ao propor e elaborar este Plano de Ação, demonstro minha expectativa em oferecer novas propostas e recursos para a Educação Infantil na escola na qual atuo. Inclusive meu desejo foi buscar compreender com maior profundidade a importância e o valor de se contar histórias na Educação Infantil. Desejo este que surgiu no exercício da profissão de professora e percorre minha vida profissional. A discussão apresentada neste trabalho não tem a pretensão de abordar todas as dimensões envolvidas no ato de contar histórias. São apresentadas reflexões para atuação na prática daqueles que por esse assunto se interessarem. Pretende-se, com esta proposta de intervenção, apresentar uma possibilidade de ação sistemática de contação de história numa escola em que não há uma biblioteca e que, portanto, necessita criar outros espaços para ler e ouvir histórias. Fica então como pergunta inicial deste Plano de Ação: Como construir estes espaços?



## **CAPÍTULO I**

### **CONTEXTO DO PLANO DE AÇÃO**

Esta proposta foi realizada em uma escola da rede pública municipal, de classe média, localizada na Região Nordeste de Belo Horizonte. A instituição possui oito turmas, abrangendo a faixa etária de três a cinco anos. As turmas são heterogêneas, cada uma é composta por 20 alunos, que frequentam a escola no turno da manhã. Em sua maioria, são crianças pertencentes à classe média baixa. Essa classificação pode ser realizada, porque no momento de ingressar na Educação Infantil, a família da criança responde a um questionário social e econômico que permite à escola tentar mapear o perfil de seus alunos.

O espaço físico da escola envolve dois pequenos pátios, um refeitório, uma cozinha, banheiro para meninas e meninos, sala de professores, banheiro para professores, uma sala conhecida como brinquedoteca, sala de direção e coordenação conjugada e uma secretaria. Não existe na escola uma biblioteca, espaço tão importante no processo de formação de leitores e nem espaço externo suficiente para realizar atividades coletivas com todas as crianças matriculadas.

A Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) segue o Plano de Ações Curriculares, um conjunto de normas e princípios pedagógicos que visam a nortear o trabalho de todas as escolas vinculadas à Rede Municipal, buscando garantir um elevado padrão de qualidade e excelência no ensino.

A intenção pedagógica da UMEI Santa Cruz para o presente ano tem como centralidade o desenvolvimento das seguintes capacidades: utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, matemática, plástica, oral e escrita), de acordo com as diferentes situações de comunicação para que a criança possa compreender e ser compreendida, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos para avançar em seu processo de construção de significados e conceitos; desenvolver uma imagem positiva de si e atuar de forma independente; estabelecer vínculos afetivos fortalecendo a auto-estima e promover a interação

social; brincar para expressar emoções, desejos e necessidades; conhecer várias manifestações artísticas desenvolvendo interesse e respeito. Portanto, a proposta pedagógica da UMEI está diretamente preocupada com o desenvolvimento integral da criança.

Este Plano de Ação teve como objetivo, dentro desse contexto, criar um momento institucional, reunindo várias turmas, dedicado à contação de histórias. A criação desse espaço pretendeu contribuir para o desenvolvimento da criatividade e para a formação de leitores. Apesar de a UMEI não possuir uma biblioteca, é possível encontrar livros de qualidade, ou seja, livros de autores respeitados por críticos literários, dotados de um bom texto de ficção e com um adequado projeto gráfico, considerando a faixa etária das crianças atendidas na escola. O corpo docente é composto por professores qualificados para contar histórias para as crianças. Entretanto, falta um investimento potencial e significativo da instituição como um todo, no processo de formação de leitores, que foi a proposta deste Plano de Ação.

### **Histórico da escola**

A escola surgiu a partir da necessidade e demanda da região do Bairro Santa Cruz, que até então era chamado de Parque São João Batista. Na época, não havia nenhuma escola nas proximidades para atender aos filhos das famílias operárias. Desse modo, em 1953, os moradores da comunidade se organizaram com o intuito de promover um movimento para a instalação de uma escola que atendesse à demanda de crianças da região.

Os representantes dessa comunidade marcaram uma audiência com o então governador do estado, o Ilmo. Sr. Juscelino Kubitschek e sua digníssima esposa, a Sra. Sarah Kubitschek. Na oportunidade, firmou-se um compromisso de implementação de uma escola na comunidade que atendesse ao “Ensino Primário”.

A escola começou a surgir a partir da colaboração e empenho de muitos: O Dr. Jacinto Marcelino, morador do bairro, doou o terreno; o Dr. Euvaldo Lodi, engenheiro civil e de minas, criador do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e do Serviço Social da Indústria (SESI) e benfeitor da classe operária, doou todo o material necessário para a construção do prédio, como madeira, cimento, etc. A mão-de-obra, ou seja, os operários que fizeram os serviços de pedreiro, eletricista, bombeiro hidráulico foram os presos da Penitenciária de Neves. Em três meses, a escola tão almejada pela comunidade ficou pronta, com quatro salas de aula, cantina e banheiros. O prédio ficou pertencendo à “Fundação das

Pioneiras Sociais”, instituição que durante muitos anos participou e contribuiu com uniformes, merenda e manutenção da escola.

O Sr. Euvaldo Lodi foi escolhido como Patrono da Escola, que foi inaugurada em 1953, com a presença do Governador Juscelino Kubitschek e de sua esposa Dona Sarah. A escola recebeu o nome de Escola Euvaldo Lodi.

O bairro foi se desenvolvendo, a população crescendo muito e o número de crianças em idade escolar também. Outras salas foram construídas, mais crianças foram matriculadas e a escola passou a fazer parte do quadro de escolas da Rede Estadual. Seu nome passou a ser Escola Estadual Euvaldo Lodi. Por muito tempo, a escola buscou concretizar os anseios dos alunos, pais e profissionais, contando com o comprometimento de todos.

Em 1982, a instituição passou a oferecer o Ensino de Educação Infantil – Pré-escolar, atendendo ao segundo e terceiro períodos.

A partir de 2007, as secretarias de Educação Estadual e Municipal, em comum acordo, estabeleceram uma organização nos atendimentos dos níveis de ensino, respeitando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a qual pontua, para cada secretaria, o nível de ensino que devem prioritariamente atender. A prefeitura iria assumir todas as instituições de Educação Infantil que o Estado havia constituído, e o Estado assumiria todas as escolas de Ensino Médio da Prefeitura de Belo Horizonte, de forma gradativa. A partir de 2007, as instituições iriam se adequando à nova organização.

Assim, em dezembro de 2008, a E. E Euvaldo Lodi foi municipalizada. Recebeu o nome de UMEI Santa Cruz em Janeiro de 2009, pois algumas Unidades Municipais de Educação Infantil recebem o nome do bairro em que está localizada.

A E. M. Renascença foi indicada pela Gerência de Educação Nordeste (GERED/NE) e pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) para ser a sede da escola, pois atende o mesmo nível de ensino e está mais próxima da nova UMEI. A UMEI Santa Cruz torna-se, assim, um anexo da E. M. Renascença.

Como o prédio aproveitado para a instalação da UMEI era muito antigo, com mais de 50 anos, apresentava grandes problemas de adequações do espaço para o atendimento às crianças pequenas. Então, como era necessário iniciar as aulas em fevereiro de 2009, o prédio recebeu apenas uma pintura e troca de portas para, assim, atender às crianças de 4 e 5 anos, distribuídas em 8 turmas por turno, totalizando 320 crianças. Havia também a proposta de uma grande reforma da estrutura física que poderia ocorrer durante o ano, porém, somente em

dezembro de 2009, foi entregue à escola um projeto da nova estrutura e planilha de custos. Após aprovação do projeto, a obra foi iniciada em janeiro de 2010.

A partir de 2010, foi autorizado o atendimento para crianças de 3 anos e iniciou-se uma grande reforma na rede física. A escola recebeu novos espaços e ampliações para melhor atender à comunidade. No momento de reforma da UMEI não houve a preocupação de construir uma biblioteca, espaço adequado para leitura e possível ação de contação de histórias.

### **Caracterização da comunidade**

A comunidade conta com três escolas estaduais, uma escola municipal, uma escola particular de inglês, vários estabelecimentos particulares de Educação Infantil e um municipal (UMEI Santa Cruz).

Através de uma pesquisa enviada aos pais, realizou-se uma caracterização da clientela. Cada família respondeu perguntas relacionadas à localização e caracterização da residência, composição e renda familiar, bem como a religião predominante, escolaridade e profissão dos adultos. Essa pesquisa inicial permitiu avaliar de forma resumida com que público estamos lidando. Percebe-se que se trata de um público participativo, com pouco acesso a recursos culturais, mas interessado em buscar cada vez mais mudanças em sua situação.

A UMEI Santa Cruz atende a crianças do bairro Santa Cruz e bairros vizinhos como: Nova Cachoeirinha, Cachoeirinha, Ipiranga, São Francisco, Renascença, Palmares e Cidade Nova. São crianças que, em sua maioria, têm acesso aos meios de comunicação como televisão e computador, possuem livros de literatura restritos aos que são oferecidos pela prefeitura.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

– Criar um momento institucionalizado de contação de histórias na UMEI SANTA CRUZ, visto que a escola não possui biblioteca e necessita de uma atividade coletiva e integradora que vise à formação de leitores.

### **Objetivos específicos**

– Identificar as contribuições da contação de histórias no contexto da Educação Infantil como estímulo para a formação de crianças leitoras.

– Conhecer e refletir, a partir da contação de histórias, sobre os meios que estimulam na criança o interesse pela leitura e pela escrita.

– Sensibilizar o grupo de professores da escola com relação aos benefícios pedagógicos da prática de contação de histórias na rotina da Educação Infantil.

– Implementar um momento em que a contação de histórias poderá acontecer coletivamente no turno da manhã, como uma ação institucional de incentivo à leitura.



## **CAPÍTULO II**

### **APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA EM ESTUDO**

A contação de história, segundo Bussato, “é como um instrumento capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão”. (2006, p. 12). Ciente das considerações apontadas pela autora, este trabalho apresenta uma reflexão sobre a contação de história, destacando a necessidade de haver momentos planejados dessa atividade dentro da rotina da escola.

As hipóteses levantadas levam a acreditar que a contação de histórias tem uma grande importância para a Educação Infantil, e que diversas são as contribuições que ela traz para essa etapa do ensino, entre elas a ampliação do vocabulário, a estimulação da criatividade e o despertar do gosto pela leitura, que pode vir a ser instigado através de atividades de dramatização, de momentos de leitura, escolhas de contos, etc. Abordar este tema neste trabalho significa acreditar que contar histórias é uma atividade que busca enriquecer a prática dos educadores.

Segundo Bussato (2007, p. 4), “nos últimos anos, a arte de contar histórias vem sendo retomada não apenas por terapeutas e educadores, mas por pessoas de todas as formações, de várias camadas da sociedade, que se reúnem para partilhar sabedoria, afeto e energia através das narrativas”. Portanto, faz-se necessário utilizar de forma eficiente essa atividade em nosso cotidiano; compreender a escola como espaço de partilha de diferentes narrativas, espaço propício para as histórias serem contadas e aproveitadas em todo o processo de desenvolvimento da criança. Aprofundar a discussão acerca do que significa contar histórias e do que é necessário para que essa atividade aconteça pode levar à elaboração de algumas propostas interessantes, visto que é uma estratégia que vem sendo utilizada cada vez mais, em diferentes ambientes.

Para Hamze (2006, p. 1), “ao contar histórias para as crianças estamos trabalhando o lúdico, desenvolvendo na criança a imaginação, organização de idéias, a linguagem oral e escrita, o prazer pela arte e a habilidade de dar lógica aos acontecimentos e estimular o interesse pela leitura.”. É uma atitude que envolve oralidade, escuta de quem conta e de quem ouve.

A linguagem oral é a mais remota figura da comunicação entre as pessoas, portanto, as histórias têm um papel respeitável no desenvolvimento das crianças. Mais do que uma linguagem prazerosa e educativa, a ação de contar e ouvir possibilita o resgate da memória cultural e afetiva. Contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo se reunia ao redor do fogo para se esquentar, alegrar, dialogar, narrar acontecimentos. As pessoas assim reunidas contavam e repetiam histórias, para guardar suas tradições e sua língua. Assim transmitiam a história, o acontecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e os valores a serem resguardados pela comunidade.

Girardelo (2002, p. 5) aponta em um artigo na internet, a partir dos estudos que realizou, que “a conhecida sensação de “aconchego” manifestada pelas crianças ao ouvir histórias avaliza e ajuda a dar significado ao fluxo, tantas vezes incongruente das coisas vividas.” Portanto, a sensação de aconchego promovida pela contação de histórias permite que a criança se envolva com o que ouve e familiarize-se com a história e as possibilidades de crescimento e desenvolvimento que ela oferece.

A partir de leituras realizadas, percebe-se que contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que vinham de longe, de suas pátrias, contavam e repetiam histórias para preservar suas tradições e sua língua. As histórias, com o tempo, se incorporam à sociedade. Elas permitem que tenhamos acesso a diferentes aspectos sociais, culturais e históricos que são passados por meio de narrativas, possibilitando a inserção dos sujeitos na cultura de forma ativa e participativa. Portanto, a contação de histórias é uma temática abrangente e uma atividade enriquecedora para a vida das pessoas. Ela abarca diferentes aspectos que interferem na prática escolar, contribuindo para a formação de crianças leitoras.



## **CAPÍTULO III**

### **REFLETINDO SOBRE O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS**

#### **A – Contar histórias: um novo caminho?**

A partir de leituras acerca do tema “contar histórias”, tornou-se instigante e importante escrever e dissertar mais teoricamente sobre esse assunto. Reforça-se, neste trabalho, que contar histórias é diferente de ler ou mostrar ilustrações. É uma atitude que envolve oralidade, escuta e estímulo à imaginação de quem conta e de quem ouve.

Busatto (2006, p. 20) aponta que “contar histórias é uma via de mão tripla: o que o conto quer dizer, o que o contador quer dizer narrando o conto, o que o ouvinte quer dizer a si mesmo ao ouvir o conto.” Logo, contar histórias envolve uma postura global e a formação integral de quem ouve e de quem conta.

Ainda abordando Busatto (2006, p. 12) “a contação de histórias é como um instrumento capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão e capazes de estar com.” A mesma autora também afirma que “a contação de histórias permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca.” A contação de histórias permite desenvolver e conhecer características e aspectos do ser humano que muitas vezes não se apresentam tão nítidos e também permite ao sujeito que se encontra em contato com a história a construção de sentidos e significados.

Contar histórias é sempre um novo caminho a ser percorrido; mudam-se o contador e os ouvintes, muda-se a interação que acontece, por isso é um novo caminho, lembrando que contar histórias não é somente fala; abrange gesto, ritmo, expressão e a experiência auditiva que uma história proporciona.

Tahan (1966, p. 7) diz que,

contando história, narrando lendas, sugerindo a leitura de contos e tradições, o professor proporciona a criança uma oportunidade para desenvolver a imaginação, enriquecer o vocabulário, completar experiências e atender à curiosidade da vida em suas estréias pelo mundo do encantamento. Não basta saber contar, é preciso saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar.

É fundamental pensar na contação de histórias, no universo da Educação Infantil, como mecanismo facilitador para despertar o gosto pela leitura e escrita, enriquecendo a prática educativa de todos que atuam nessa modalidade de ensino.

A mesma autora (2006, p. 24) menciona que a história, ao estimular a imaginação dos alunos num clima de alegria e descontração, pode atingir outros objetivos como educar, instruir e desenvolver a capacidade intelectual deles. Sendo assim, as histórias podem ser usadas tanto como ponto de partida para ensinar determinados conteúdos programáticos, quanto como instrumento facilitador do desenvolvimento pessoal e social de quem ouve as histórias.

## **B – O contador de histórias e sua representação**

Segundo Giordana (2007, p. xii) “o contador de histórias mais que tudo precisa estabelecer um contato sintônico em várias dimensões e em vários níveis de realidade com seus ouvintes. Resgatar a força da palavra constitui um desafio difícil, mas cada vez mais necessário.” Ser contador de histórias é permitir que o ouvinte seja visto globalmente. O contador de histórias preocupa-se em estar diretamente sintonizado com este indivíduo, com o seu olhar, com sua presença integral.

Mattos (2005, p. 68) aponta que “o melhor contador de histórias é aquele cujas histórias são lembradas muitos e muitos anos depois que seu próprio nome tenha sido esquecido”. Segundo a mesma autora, “o segredo do bom contador de histórias está presente na assimilação perfeita daquilo que se pretende contar, tornar a história processada no interior de si mesmo”. O bom contador de histórias deve estar familiarizado com o que irá contar, precisa conhecer e acreditar naquilo que está contando, envolver no mundo da história que conta aquele que está ouvindo. Portanto, contar histórias remete a uma experiência única. Ocorre uma interação imediata entre aquele que conta e aquele que ouve. É uma experiência espontânea, cria-se o momento e as reações no momento da narrativa. Percebe-se a abrangência e importância do papel de um bom contador de histórias como aquele que se

entrega, que se envolve e se insere na atitude de contar histórias. O contador deve absorver, incorporar e retransmitir a mensagem ou a essência da história, deve mudar o texto de acordo com as necessidades da plateia para interagir com ela. O verdadeiro contador de histórias percorre diferentes tempos, momentos e espaços.

Segundo Busatto (2006, p. 6)

o contador de histórias também vem ganhando o destaque merecido. Entretanto, para se evidenciar, ele deve aliar a experiência ancestral com a moderna, porque só assim conseguirá continuar perpetuando a história da humanidade, emprestando seu corpo, sua voz, seus sentidos e seus sentimentos ao texto. Ele ainda tem consciência que acumula outros papéis, inclusive pedagógicos, quando estimula o hábito de leitura e a criatividade, expandindo, ao mesmo tempo, tanto o vocabulário dos ouvintes quanto a memória auditiva e visual, itens que são imprescindíveis para a formação de crianças e adolescentes.

Considerando as reflexões da autora, percebemos que o contador de histórias deve ser valorizado, pois ele empresta seu corpo, sua voz, seus sentidos, seus sentimentos, para que a história ganhe vida. Ele estimula o hábito da leitura e a criatividade. Portanto, deve valorizar o que conta, a história que escolhe e aquele que o está ouvindo.

### **C – O contador de histórias sob o ponto de vista histórico**

Criada há muitos anos, mas com ênfase no século XX, a contação de histórias é uma expressão que se refere ao ato de contar histórias. Já não tem como característica apenas uma provável despreensão dos antigos contadores que se reuniam ao redor do fogo, ao pé da cama. Imprimiu-se na contação de histórias uma sofisticação com detalhes que fazem a diferença, mas uma característica permanece: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências. Falar sobre o contador de histórias é falar também sobre o que se conta, para quem se conta, o porquê se conta e quem conta. O contador é aquele que permite uma aproximação dos sujeitos com o texto, com a história.

Logo, contar histórias é como um ato social e coletivo que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva. O contador de histórias torna-se uma pessoa, personagem e elemento importante para o desenvolvimento da história, como diz Busatto (2006, p. 32)

[...] quando se conta uma história é a história que se narra através do contador. Ele se torna a própria história. As histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. O contador de histórias sempre esteve presente na humanidade. O contador narra para se sentir vivo [...].

Ainda segundo Busatto (2006, p. 17),

desde os primórdios o contador de histórias era um sujeito que se valia da narração oral para organizar o caos e perpetuar a cultura. No percurso da história, em um primeiro momento, o contador de histórias aparece como o contador tradicional, aquele sujeito que se inseria na comunidade onde prevalecia a oralidade.

O contador de histórias lida com os atos e com as palavras; ele está presente em vários cantos do mundo; a cada história contada ele revive, reconta, vai muito além da comunicação. O contador de histórias deste século é aquele que é um realizador, um artista que prioriza os espaços onde possa estar próximo ao ouvinte, propondo uma comunhão entre quem narra e quem ouve.

Segundo Bussatto (2006, p. 6)

Dentro desse contexto, se antigamente o contador de histórias usava sua arte para entreter, ensinar e proporcionar prazer aos seus ouvintes, com o passar do tempo, ele foi assumindo outros papéis e acabou se tornando peça chave do povo, porque, ao se incumbir de passar às novas gerações todas as tradições, os rituais e os costumes, com sua sabedoria, ele ainda explicava todas as questões que envolviam os fenômenos da natureza, a origem da vida da morte, a espiritualidade e os fenômenos sobrenaturais.

Na Educação Infantil, contar histórias é um recurso possibilitador de crescimento e desenvolvimento, e o professor é o mediador direto dessa atividade. O professor de Educação Infantil é aquele que lida com a criança diretamente e com criatividade estimula a leitura e o interesse por ouvir histórias. É importante que o educador tenha uma visão abrangente para que possa adequar a história ao leitor. A escolha adequada de um livro, de uma história a ser contada, é tarefa do professor que é mediador.

## **D – Contar histórias: uma arte para todos?**

Para Busatto (2006, p. 49) “contar histórias é fermento para a criatividade, nasce no coração e circula poeticamente, se espalha por todos os sentidos, devaneando, gatiando até

chegar ao imaginário”. O contador de histórias parte da palavra, trabalha com ela e permite ao outro que ouça, que também faça construções e reflexões. O grande segredo das histórias não é o que acontece na história; o que vale é o que acontece dentro de nós quando a ouvimos.

As crianças que vivem num ambiente letrado, que crescem rodeadas de livros, conforme apontam algumas pesquisas, costumam desenvolver um interesse maior por atividades de leitura e de escrita. Aquelas que em casa não têm acesso a obras de qualidade possuem na escola esta oportunidade de contato com histórias e bons livros, daí a importância dessa ação de contação de história no ambiente escolar.

Coelho (2004, p. 12) afirma que:

contar histórias é uma arte, requer certa tendência inata, uma predisposição para lidar com os ouvintes. O contador precisa estar consciente de que a história é que é importante, ele é apenas transmissor, conta o que aconteceu. É preciso preparar a intensidade de sua voz, ter clareza e conhecimento daquilo que se conta.

Não existe país, crença ou etnia cuja tradição não tenha suas histórias. Contos sempre fascinaram e ainda fascinam pessoas de todo o mundo. As histórias, desde há muito, são formas de confortar, encontrar caminhos, ensinar e aprender com ideias sábias. A arte de contar histórias é muito antiga e já atravessou gerações. Os contadores de histórias sempre tiveram uma presença significativa e foram sempre valorizados e reconhecidos em todos os cantos do mundo. Giordana (2007, p. 2) ensina que “as histórias foram feitas para serem passadas adiante diretamente, de boca em boca, pelo coração. Isto quer dizer que nada pode substituir a experiência de uma boa história contada ao vivo”. A autora (p. 3), no mesmo livro, cita também Albert Einstein, que já dizia: “Se quiser que seus filhos sejam brilhantes leia contos para eles, se quiser que eles sejam ainda mais brilhantes conte histórias para eles”. Os contadores de histórias que realmente acreditam no poder de se contar histórias são capazes de promover mudanças no comportamento, nos pensamentos, na maneira de viver situações variadas na vida pessoal e educacional.

Segundo Giordana (2007, p. 14),

ler histórias para crianças é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, é suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos. É ouvindo

histórias que se pode sentir emoções importantes como a tristeza, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais.

Percebe-se, portanto, que contar histórias é uma arte, acessível a todos que se dispõem a participar da vivência desta arte. A autora destaca os pontos positivos da leitura de histórias. Quando contamos uma história, é possível perceber as possibilidades que essa ação proporciona às crianças. Contar histórias vai além das palavras escritas; é uma maneira de permitir acesso ao mundo da leitura de forma prazerosa e divertida; é despertar o interesse pelo universo dos livros.



## **CAPÍTULO IV**

### **INSTITUCIONALIZANDO TEMPOS E ESPAÇOS PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

A história mostra que, a partir dos anos 70, com a reforma do ensino, as portas da escola são abertas, o livro passa a ser privilegiado e a criança começa a ser percebida como consumidora em potencial destes livros. Morais (1996, p. 12) aponta que “o primeiro passo para a criança se interessar pelos livros e pela leitura é a audição de livros. A audição de livros exerce uma função cognitiva, lingüística e afetiva”. Logo, ouvir histórias possibilita a formação integral da criança. Deve-se refletir como é importante este espaço coletivo de leitura e audição de histórias para o desenvolvimento da personalidade e da aprendizagem de uma criança.

Brandão (2001, p. 52) afirma que “literatura e escola são instituições em constante interação. O leitor que queremos formar é instigado pelo texto, produz sentidos, dialoga com o texto que lê, seus intertextos e seu contexto, ativando sua biblioteca interna, jamais em repouso.” A partir do momento em que se institucionaliza um tempo para contar, ouvir e ler histórias, permite-se que o leitor envolva-se na escola, faça parte diretamente dela, participando das ações promovidas pela instituição.

A mesma autora (2001, p. 244) aponta que “antes de se tornar leitora, a criança é ouvinte das histórias, ela tem nesses textos reiterativos o primeiro degrau para o mundo letrado”. A escola abriga, portanto, as múltiplas formas de aproximação entre sujeitos e livros. Uma dessas formas é a contação de histórias. As pessoas envolvidas no processo educacional, na institucionalização da leitura, devem ter consciência da importância desse processo e da maneira adequada de se trabalhar estas histórias através da oralidade e da audição dos textos escolhidos.



## **CAPÍTULO V**

### **METODOLOGIA DO PLANO DE AÇÃO**

Este Plano de Ação foi desenvolvido com oito turmas do turno da manhã da UMEI Santa Cruz e envolveu aprendizes com faixa etária de 3 a 5 anos e oito meses. Ao todo 175 crianças e doze educadoras estiveram envolvidas na intervenção. O instrumento utilizado inicialmente para coletar informações e amadurecer conceitos e propostas foi o questionário (em anexo), previamente entregue para as educadoras responderem. O questionário foi utilizado como um instrumento que possibilitou a percepção de como as educadoras da UMEI compreendem a prática da contação de histórias. A aplicação do questionário visou, também, ao levantamento de aspectos interessantes e relevantes para o desenvolvimento do Plano de Ação, considerando a opinião dos profissionais que atuam na escola. A escolha desse instrumento se deu, inclusive, por ser um recurso que permitiu analisar as opiniões das educadoras da UMEI sobre o ato de contar histórias. Essa análise mostrou-se de suma importância visto que o objetivo é dar continuidade à ação pensada nesse trabalho, mesmo após a conclusão do curso.

As respostas das professoras apresentaram ideias importantes sobre a contação de histórias, bem como evidenciaram a concordância com a implementação do momento coletivo de contação de histórias para o turno da manhã.

Após a análise das respostas das professoras, buscou-se a definição dos dias e horários adequados à realização da prática, que se mostrou fundamental para a formação de leitores. Inicialmente, definimos que o momento coletivo de contação de histórias aconteceria quinzenalmente, a princípio, em horário pré estabelecido com todo o turno da manhã, cada educadora com suas crianças.

A segunda etapa do Plano de Ação consistiu na operacionalização da implementação da contação de histórias com a participação e o envolvimento de todas as educadoras e crianças. O interesse de cada uma pela atividade manifestou-se pela

disponibilidade de agendar o dia em que iria contar, pois todas se interessaram em participar contando uma história. Em algumas turmas, as próprias crianças contaram as histórias. As crianças, em contato com os livros que eram escolhidos, demonstravam carinho, respeito, interesse e a cada encontro a motivação era maior. O momento das histórias era único e singular para cada criança e para cada educadora.

Com as reflexões apresentadas, podemos então compreender como instituir o momento de contação de histórias promoveu uma produtiva integração entre as docentes e as crianças das diferentes turmas. A coordenação e direção da UMEI também estiveram envolvidas neste Plano de Ação, apoiando a implementação desde a aplicação dos questionários até a institucionalização do momento coletivo da contação de histórias.

É importante ressaltar que a institucionalização de um momento coletivo de contação de histórias não eliminou as ações individuais de cada educadora da UMEI em sua sala de aula, no que diz respeito ao letramento literário de seus alunos. A proposta deste Plano de Ação visou, pois, ao enriquecimento das atividades de leitura e contação de histórias realizadas nas diferentes turmas.



FIGURA 1 – Momento coletivo de contação de histórias



## CAPÍTULO VI

### ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO MOMENTO COLETIVO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Apresenta-se, neste momento, uma síntese das respostas realizadas pelas professoras entrevistadas e que contribuíram para enriquecer o Plano de Ação e amadurecer o tema .

Na pergunta sobre o que significa contar histórias, algumas respostas merecem destaque:<sup>1</sup>

**E1:** “Contar histórias é sensibilizar o ouvinte, é o encantamento e o despertar do gosto pela leitura”.

**E3:** “Contar histórias leva as pessoas a um mundo mágico, de fantasia, faz a gente aprender e crescer como pessoa e ser humano”.

**E5:** “Através das histórias posso trabalhar vários temas dentro de todas as disciplinas que quero ministrar”.

**E8:** “As histórias trabalham a vida das pessoas. Mesmo quando a história tem como personagem os animais, até estes se tornam humanos: eles pensam, falam, escolhem”.

Percebe-se, através dessas respostas, que existe clareza no que se refere ao significado do que vem a ser contar histórias. As professoras apontam a questão da sensibilização, destacam a contação de história como recurso que permite acesso ao mundo imaginário, como possibilidade de trabalhar vários temas e de interagir com cada um deles.

Analisando a pergunta relacionada ao objetivo de contar histórias, a maioria das educadoras entrevistadas pontua ser para educar e enriquecer as estratégias para o desenvolvimento da aprendizagem. As professoras ainda pensam que contar histórias serve para educar e moralizar as crianças, como era no início da Literatura infantil.

---

<sup>1</sup> Neste plano não serão revelados os nomes das educadoras. Estas serão reportadas como E1, E2, E3 e assim por diante.

Uma pergunta feita sobre a valorização e a institucionalização de um momento para se contar histórias refere-se à reação das crianças, o público atendido neste Plano de Ação, ao ouvir uma história. As professoras apontam que as crianças demonstram alegria (E1), envolvimento (E2), interesse e atenção (E5), esperam ansiosas (E6), vivem e revivem o contexto da história (E8). Portanto, através dessas respostas, percebe-se que as educadoras da UMEI apontam o aspecto positivo da contação de histórias.

Outra pergunta que merece destaque foi referente a qual contribuição que a contação de histórias teria para o desenvolvimento da criança e algumas respostas merecem ênfase:

**E4:** “Quando as crianças têm contato com as histórias, elas têm vontade de interagir com esse material. Inicialmente fazem pseudoleituras e assim desenvolvem aos poucos a linguagem oral e escrita, desenvolvem o potencial criativo, representam personagens e fazem dramatizações”.

**E8:** “As histórias ajudam no desenvolvimento da criatividade e trabalham a sequência lógica”.

**E6:** “O fator principal de uma história é o lado emocional e criativo. A linguagem oral também se desenvolve bastante com o relato”.

**E10:** “Contar histórias é promover o encontro com o lúdico. É a descoberta do novo e de diferentes possibilidades, caminhos, aprendizagem, valores, sentimentos”.

**E11:** “Contar histórias ajuda na formação de caráter, patriotismo e tradições. Leva as pessoas a trabalharem com a imaginação e com a fantasia. Ensina a escutar, ensina a tradição oral, relato, e ajuda a criança a gostar de ler e escrever e a formar futuros leitores.”

**E12:** “A contação de histórias contribui para o desenvolvimento da criatividade das crianças, para o desenvolvimento da linguagem oral e da organização de ideias. Permite ainda que a criança possa vivenciar emoções como medo, tristeza, entre outras, tendo a percepção de que, apesar de ter essas sensações, encontra-se segura.”

Como é possível observar, as professoras destacam a influência e importância da contação de histórias no desenvolvimento integral da criança. Apontam que as histórias contribuem na formação de caráter, no aspecto emocional, na criatividade, na sequência lógica, no encontro com o lúdico, na vivência dos sentimentos e emoções.

Refletindo sobre as contribuições da contação de histórias para a ampliação de vocabulário e da criatividade, merecem destaque as seguintes respostas:

**E12:** “Cada vez que contamos uma história, usamos novas palavras.”

**E10:** “As crianças recontam a história e descrevem os lugares como se estivessem ali naquele momento”.

**E11:** “As histórias, além de enriquecer o vocabulário, despertam o gosto pela leitura.”

**E5:** “Com as histórias, as crianças vão percebendo o mundo a sua volta e outras realidades e valores.”

**E7:** “Em contato com a história, a criança vai trabalhando o imaginário que é de grande ajuda para o vocabulário e a escrita”.

As respostas destacam que as histórias possibilitam a ampliação do vocabulário e da criatividade de forma lúdica e enriquecedora.

Na pergunta sobre a institucionalização de um momento para se contar histórias, as respostas foram todas afirmativas, ou seja, as professoras concordam que deveria existir esse momento, que seria útil. Algumas respostas são significativas quando justificam a necessidade de haver esse momento.

**E1:** “Uma Hora de histórias com toda a escola reunida seria interessante, pois proporcionaria um momento de aprendizagem e lazer num momento coletivo em que as crianças poderiam ter contato com outros colegas com idade diferente da sua. Criaria o hábito de participar das atividades que exigem uma postura diferente da que se tem em sala de aula.”

**E8:** “A contação de histórias como um momento de oportunidades para todas as crianças participarem independente da turma em que esteja”.

**E2:** “É um momento de interação entre o contador, os profissionais da área e os alunos de diferentes faixas etárias. É um momento de encantamento onde todos se divertem e ficam mais felizes. É um momento mágico”.

A aplicação do questionário possibilitou investigar como as educadoras compreendem a temática desenvolvida neste texto, bem como relacionar a teoria sobre a contação de histórias com os depoimentos apresentados pelas professoras. Destaca-se a oportunidade de poder intervir ativamente na escola com a proposta deste Plano de Ação, institucionalizando um momento coletivo para se contar histórias. As respostas das professoras que atuam na UMEI evidenciaram que a proposta deste Plano de Ação obteve a aprovação do grupo de profissionais, que destacou a importância de um momento coletivo e institucionalizado de contação de histórias.

A escolha das histórias a serem contadas foi feita anteriormente ao encontro das turmas. Houve uma boa preparação da história: leitura prévia, divisão das cenas, mentalização das partes essenciais. O espaço escolhido previamente visou ao melhor acolhimento do maior número possível de crianças.

Recordo-me do primeiro dia coletivo da contação de histórias, onde cada olhar parecia saltar do rosto; olhos interessados e atentos a cada momento da história. O ano

encerrou com a expectativa do retorno deste dia tão esperado. A partir desse resultado positivo obtido, percebe-se como as histórias aproximam as pessoas e interferem no desenvolvimento de todos os aspectos mencionados anteriormente neste Plano de Ação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste Plano de Ação possibilitou a leitura de vários livros sobre o tema. Percebe-se que contar histórias é estímulo para o imaginário e se estende por todos os sentidos e sentimentos. O contador de histórias parte da palavra, trabalha com a palavra e permite ao outro que ouve a construção da palavra e a formação de imagens referentes às cenas apresentadas nas narrativas. O contador de histórias consegue parar o tempo abstrato e torná-lo um tempo vivido.

Além disso, segundo Tahan, “a história enriquece o vocabulário, facilita a expressão, aperfeiçoa a linguagem e a capacidade de atenção, aquisição de novos conhecimentos, orientação do pensamento (1966, p. 98)”. Estes são alguns benefícios que a audição de histórias apresenta para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil.

Com o desenvolvimento do Plano de Ação e os relatos das professoras, foi possível perceber que a contação de histórias é muito importante para o desenvolvimento integral do educando e quanto mais utilizada na escola, mais se nota a ampliação de vocabulário, a evolução da escrita, o desenvolvimento da oralidade, da criatividade e do gosto pela leitura. É preciso pensar a contação de histórias como uma ação que promove a formação de leitores e preserva a afetividade natural da criança. A partir dessa conscientização, oferecer um momento institucionalizado de contação de histórias tornou enriquecedora a prática educativa.

A realização do questionário com as educadoras possibilitou uma tomada de consciência e um repensar sobre a função da contação de histórias na Educação Infantil. As perguntas realizadas contribuíram para que as professoras retomassem algumas reflexões sobre os efeitos da ação sistemática de se contar histórias para as crianças pequenas. Há um toque de magia quando ouvimos “era uma vez” e as educadoras apontaram essa característica.

Este Plano de Ação proporcionou uma ação efetiva na escola, o envolvimento de vários profissionais, a integração de turmas, e este trabalho escrito de forma sintética e

objetiva permitiu a familiarização com as peculiaridades da contação de histórias na Educação Infantil, possibilitando a constituição de um material auxiliar para enriquecer a prática dos professores que trabalham com essa faixa etária.

Importante destacar que neste Plano de Ação não se pretende indicar e esgotar todas as especificidades do assunto, pois contar histórias é uma arte ampla que a cada dia apresenta mais “portas a serem abertas”, é só querer e desejar. Este Plano de Ação é somente a abertura de uma porta dentre muitas que ainda podem se abrir.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997
- AGUIAR, V. T. (Coord.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. BH: Formato Editorial, 2001.
- Albert Einstein , 2007 *apud* GIORDANA, A. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas 2007. 189p.
- BRANDÃO, M. B; EVANGELISTA, A. A. (Org.). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 149p.
- Câmara Cascudo. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, Rio de Janeiro: INL/MEC, 1954 *apud* GIORDANA, A. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas 2007. 189p.
- COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: 2004. 78p.
- FEIJÓ, M. **O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores**. São Paulo: Ática, 2010.
- GARCEZ, S. Contos-da-carochinha: literatura infantil enriquece o processo de ler e escrever. **Revista do Professor**. Porto Alegre. ano XX, n. 77, jan/mar. de 2004.
- GIORDANA, A. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas, 2007. 189p.
- GIRARDELLO, G. **Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas**. 2002, PPGE-UFSC. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/aNarracao.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2009.
- HAMZE, A. A palavra mágica. **Revista ACB**. Barretos: 2006.
- KNÜPPE, L. Contos de Fadas: fundamental é despertar nas crianças o gosto pela leitura. **Revista do Professor**. Porto Alegre: ano XVIII, n. 72, out./dez. de 2002.
- MATTOS, G. A. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas- exercícios práticos e um repertório para encantar**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.182p.
- MELLO, J. C. **Educativa, a revista do professor: A arte de contar, ler e ouvir histórias**. São Paulo, ano I, n. 5. 2009.
- TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

VARGAS, A. da S. Lendo com prazer: escutar histórias é um momento significativo de leitura para a criança. **Revista do Professor**. Porto Alegre: ano XXIII, n. 89, jan/mar. de 2007.

## APÊNDICE 1 QUESTIONÁRIO

**Este instrumento será utilizado como referência para a elaboração de um Plano de Ação para nossa escola. Tem com objetivo compreender e refletir sobre a contação de histórias em nossa escola e em nossa prática. Conto com sua colaboração escrevendo suas ideias e experiências.**

Entrevista com os Professores:

Tempo de profissão

---

Faixa etária com que trabalha

---

Você tem o hábito de contar histórias para as crianças ? Com que frequência?

---

Marque a(s) alternativa(s) que mostra(m) o que significa contar histórias para você:

( ) uma arte.

( ) um passatempo.

( ) um recurso pedagógico.

( ) outras opções. Descreva quais: \_\_\_\_\_

Justifique sua opção:

---

---

Numere, em ordem de importância, o objetivo de contar histórias:

( ) instruir.

( ) educar.

( ) recrear.

( ) ocupar o tempo de uma forma diferente.

( ) enriquecer as estratégias para o desenvolvimento da aprendizagem.

( ) Outros: \_\_\_\_\_

Qual é a reação das crianças quando você conta uma história?

---

---

Quais os pontos positivos da contação de história?

---

---

Qual a contribuição que você, como educador, acredita que a contação de história tem para o desenvolvimento da criança?

---

---

---

Em seu cotidiano, você percebe que a contação de história ajuda a criança a ampliar seu vocabulário e sua criatividade para a escrita?

( ) sim      ( ) não      ( ) parcialmente.

Justifique sua resposta

---

---

Você acha que seria útil e interessante um momento coletivo, onde toda a escola participasse, com uma vivência de contação de histórias, como uma “Hora das histórias”, uma “Roda de histórias?”

---

---

Justifique sua resposta:

---

---

---